

## Nos 80 anos de José Saramago

*No desejo de nos associarmos à celebração dos 80 anos de vida de José Saramago (Prémio Nobel de Literatura), relembramos aqui o "Recado para um Poeta" publicado então no Jornal de Fundão, ainda em memória de António Paulouro, um homem íntegro e generoso que durante quase sessenta anos não deixou de defender os interesses das gentes da Beira Interior. Foi essa a forma pessoal e crítica de saudar o livro Os Poemas Possíveis, saído em 1966 na Coleção "Poetas de Hoje" da Portugália Editora, que assinalou o regresso à literatura do autor de Memorial do Convento. Mas aqui revelamos também uma carta inédita de Saramago a propósito desse texto e da entrevista saída no Jornal de Notícias pelo interesse biográfico e literário de que se reveste.*

### Recado para um poeta

O poeta nunca tem idade para se revelar publicamente aos olhos dos outros. O poeta *aparece* quando pode ou quando deve. O poeta, qualquer poeta, é sempre aquele homem que deseja comunicar aos outros homens o mundo da sua própria experiência. José Saramago surge pela primeira vez como poeta num livro que acaba de ser publicado - *Os Poemas Possíveis*. E nada mais justo, mais oportuno, do que enviar-lhe daqui, aos pés da serra da Estrela de outras memórias, numa cidade que pouco convida à meditação, cinzenta e fria, gelada e íngreme, um recado amigo para o poeta que existe verdadeiramente em José Saramago. Em traços gerais, dizemos que há nos seus poemas, sobretudo na parte designada "Até ao sabugo", uma predominância insistente e intencional no querer descobrir os horizontes, a razão de ser das coisas - tudo isso a reflectir um *tempo memorial e sensitivo* em que o poeta apreende o mundo mais pelos seus "sinais" obscuros do que pela nitidez dos contornos desenhados nos seus versos; e, por outro lado, há uma condenação do *estar-se* no mundo e *ter-se* dele a consciência dos seus limites:

*Poeta não é gente, é bicho raro,  
Que de jaula ou gaiola, se escapou.  
E anda pelo mundo às cabriolas,  
Aprendidas no circo que inventou.  
Estende no chão a capa que o disfarça,  
Faz do peito tambor, e rufa, salta,  
É urso bailarino, mono sábio,  
Ave de bico torto e pernalta.*

Podemos afirmar que José Saramago é um poeta de raiz "neo-parnasiana", o que, ao contrário do que se poderá julgar, faz o poeta captar da experiência quotidiana o sentido enaltecido das suas aspirações trágicas e heróicas, cantando as misérias e grandezas da existência humana. Mas José Saramago deixa também antever, na harmonia da sua arte poética, um sentido profundo da vida e dos problemas dos homens que se reflectem na sua pessoal consciência das coisas vivas e mortas. Há ainda nos poemas de Saramago, quanto a nós, um conhecimento da dor sentida, desesperada, frustrada em muitos dos seus aspectos, mas que procura ainda gritar, *mesmo à boca fechada*, os "poemas possíveis" da sua condição de poeta intuitivo, emocional, apaziguador da alegria e da tristeza num contraponto bem encontrado na marcação rítmica e musical dos seus poemas:

*Aqui direi que busco a só maneira  
De todo me encontrar numa certeza,  
Leve nisso ou não leve a vida inteira.*

"Alma aberta aos quatro ventos", a poesia de José Saramago é, na verdade, fruto de consciente e lúcida maturidade, mesmo que nos seus poemas se adivinhe a sombra ténue de Torga, Régio, Gedeão ou Reinaldo Ferreira. Mas apetece dizer ao autor de *Os Poemas Possíveis*, neste breve recado de saudação, que valeu a pena esperar alguns anos para o vermos revelar-se publicamente poeta. Nós, que tivemos a oportunidade de ler os seus versos, sentimos uma agradável surpresa por encontrarmos neles um nível poético e uma excepcional qualidade formal poucas vezes conseguida em livros de poetas portugueses.

Sim, o poeta não tem (não deve ter) idade para aparecer e mostrar aos outros os seus poemas, os ecos íntimos da sua própria linguagem. O poeta deve estar vivo e cantar sempre com a voz que tem - a voz pessoal e intransmissível da sua condição de ser poeta.